

ROBERT OWEN (1771-1858)

UMA NOVA CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE *

Manuela Ferreira**

1. «Um quadro verdadeiro...»¹

«No ano de 1784 o falecido Sr. Dale de Glasgow fundou uma fábrica de fição da algodão perto das quedas do Clyde, no distrito de Lanark na Escócia. Por volta desta altura foram surgindo as primeiras fábricas de algodão na parte norte do reino (...). Foi portanto necessário reunir uma nova população para fornecer mão de obra à recente instituição.... Restavam duas maneiras de arranjar trabalhadores: uma seria adquirir crianças a partir das várias instituições públicas de caridade do país; outra seria incitar as famílias a estabelecerem-se à volta da fábrica.

Para instalar os primeiros, construiu-se uma grande casa, que, por fim, continha cerca de quinhentas crianças, arrançadas sobretudo nas «workhouses» e

* Owen, Robert. *Uma Nova Concepção de Sociedade*. Introdução, tradução e notas por Luísa Leal de Faria, Textos Filosóficos, Coleção Bilingue publicada pela Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1976: 5-168.

O texto que se segue é construído com base em excertos de dois dos quatro ensaios que constituem *Uma Nova Concepção de Sociedade*. PRIMEIRO ENSAIO: «Sobre a formação do carácter» e do SEGUNDO ENSAIO: «Os princípios do ensaio anterior continuados e aplicados na prática».

** Organização / selecção.

¹ Em 1799, Owen compra a David Dale as fábricas de algodão de New Lanark, mantendo-se à sua cabeça até 1829, o que o tornou um dos empresários mais ricos do seu tempo. É aí, exactamente, que vai levar a cabo uma série de experiências inovadoras, que se constituirão em «provas tangíveis de que as misérias existentes derivam do facto de o homem ainda não ter reconhecido uma verdade básica fundamental – a de que é o meio ambiente que forma o carácter humano; mas logo que essa verdade seja reconhecida, toda a sociedade se modificará» (Leal, 1976: 6). Nesta medida, «a sociedade de New Lanark é para Owen a confirmação de que o homem, usando a sua inteligência, pode dominar e transformar o meio, de maneira a torná-lo o meio óptimo para as gerações vindouras» (Leal, 1976: 21-22).

instituições de caridade da Edimburgo. Estas crianças deviam ser vestidas, alimentadas e educadas. O Sr. Dale cumpriu estes deveres com a incansável benevolência de todos conhecida. Para os segundos, construiu-se uma aldeia e as casas foram alugadas com rendas baixas às famílias que poderiam eventualmente ser induzidas a aceitar emprego nas fábricas.

(...) A pensão que albergava as crianças apresentava um aspecto completamente diferente. Os quartos a elas destinados eram espaçosos, sempre limpos e arejados; a comida abundante e da melhor qualidade; o vestuário aseado e útil; um médico estava constantemente de serviço para indicar como impedir ou curar as doenças e eram nomeados os melhores mestres do país para ensinar os ramos da educação considerados de provável utilidade para as crianças na sua situação. Mas para enfrentar as despesas desta bem pensada organização e sustentar o estabelecimento em geral, era absolutamente necessário que as crianças estivessem ocupadas dentro das fábricas desde as seis da manhã até às sete da tarde, verão e inverno; depois desta hora começava a sua educação. Não se pode pensar que crianças tão novas pudessem ficar, apenas com o intervalo das refeições, das seis da manhã às sete da tarde, em ocupação constante, de pé nas fábricas de algodão e depois adquirissem muita competência na educação. E foi o que aconteceu: muitas delas tornaram-se anãs no corpo e no espírito e algumas ficaram deformadas. O seu trabalho durante o dia e a sua educação à noite tornaram-se tão cansativos que muitas fugiam continuamente, e quase todas esperavam com impaciência e ansiedade o termo da sua aprendizagem de sete, oito e nove anos, que geralmente expirava quando tinham de treze a quinze anos. Nesta altura da vida, sem estarem habituados a sustentar-se e desconhecendo o mundo, iam normalmente para Edimburgo ou Glasgow, onde os rapazes e as raparigas eram em breve assediados pelas inúmeras tentações que todas as cidades grandes apresentavam e às quais inúmeros deles foram sacrificados.

Assim, as iniciativas e a bondosa solicitude do sr. Dale pelo conforto e felicidade destas crianças resultavam em última análise, quase ineficazes. Eram empregadas por ele, e enviadas para serem empregadas, e sem o seu trabalho ele não as podia sustentar; mas enquanto estivessem ao seu cuidado ele fazia tudo o que qualquer indivíduo, nas suas circunstâncias, poderia fazer pelos seus semelhantes. O erro provinha do facto das crianças serem mandadas vir

das «workhouses» numa idade baixa demais para serem empregadas. Deveriam ter sido mantidas e educadas lá mais quatro anos. Assim teriam sido evitados alguns dos males que se seguiam.

Se este é um quadro verdadeiro e não exageradamente carregado dos aprendizes das paróquias no nosso sistema fabril, sob os melhores e mais humanos regulamentos que há, quais seriam as cores com que o quadro se apresentaria, sob condições piores?»

2. «Lutar por um princípio»: a «formação do carácter»

«Segundo os resultados do Acto da População concluiu-se que os pobres e as classes trabalhadoras da Grã-Bretanha e da Irlanda excedem os doze milhões de pessoas, ou seja, quase três quartos da população das Ilhas Britânicas.

Permite-se hoje em dia que os caracteres dessas pessoas sejam muito geralmente formados sem uma orientação ou direcção próprias e, em muitos casos, em circunstâncias que directamente os impelem para o vício e miséria, tornando-os assim os piores e mais perigosos súbditos do império. Por outro lado, a grande maioria dos restantes membros da comunidade são educados a partir dos mais errados princípios da natureza humana, princípios tais que na verdade não podem deixar de produzir na sociedade uma conduta totalmente indigna do carácter de seres racionais.

Os primeiros incluídos nesta infeliz situação são os pobres e miseráveis analfabetos das classes trabalhadoras, hoje em dia *adestrados* para *cometer* crimes, pelos quais depois são *castigados*. Os segundos, a restante massa da população, são agora, *instruídos* para *acreditar*, ou pelo menos para reconhecer que alguns princípios são *indiscutivelmente verdadeiros* e para *agir* como se eles fossem absolutamente falsos, enchendo assim o mundo de *loucura* e de incoerência e tornando a sociedade, através de todas as suas ramificações, um cenário de insinceridade e contradição (...).

Se estas circunstâncias não existissem numa escala quase inacreditável, seria desnecessário agora lutar por um princípio que diz respeito ao Homem e que pouco mais requer do que a sua afirmação para se tornar óbvio. Este princípio é de que «qualquer carácter geral, do melhor ao pior, do mais ignorante ao mais esclarecido pode ser dado a qualquer comunidade, e até a todo o mundo, pela

aplicação dos meios adequados; meios esses que estão em larga medida sob o comando e o controlo daqueles que têm influência nos assuntos dos homens»².

Felizmente para a pobre natureza humana, alterada e degradada, o princípio por que agora lutamos irá rapidamente retirar-lhe todo o mistério ridículo e absurdo de que tem sido até agora envolvida pela ignorância dos tempos passados; e todos os motivos complicados e contraditórios para a boa conduta, que têm sido multiplicados quase até ao infinito, serão reduzidos a um só princípio de acção, que, pela sua eficácia e suficiência, tornará este intrincado sistema desnecessário e finalmente o ultrapassará em todas as partes do mundo. Este princípio é «a felicidade individual claramente compreendida e uniformemente praticada: o que apenas pode ser atingido através de um comportamento que terá de promover a felicidade na comunidade».

Aquele poder que governa e penetra o universo, formou evidentemente o homem de maneira a que ele tenha que passar progressivamente de um estado de ignorância a um estado de inteligência, cujos limites não compete ao homem decidir, e que nesse progresso ele descubra que a sua felicidade individual apenas pode aumentar e elevar-se na proporção em que ele se esforce activamente por aumentar e estender a felicidade de todos à sua volta.

(...) Por conseguinte será da mais elementar sensatez, por parte das classes privilegiadas, colaborar, sincera e cordialmente, com aqueles que não desejam tocar numa só vírgula das supostas vantagens que *agora* possuem e cujo primeiro e último desejo é aumentar a felicidade da sociedade. Apenas um pouco de reflexão por parte da classe privilegiada assegurará esta linha de conduta. Basta que estes princípios sejam conhecidos para se imporem. O contorno da nossa actuação tornar-se-á então claro e definido e eles não nos deixarão, daqui em diante, afastar do caminho certo. Estes princípios mandam que os poderes governantes de todos os países estabeleçam planos racionais para a educação e formação geral dos seus súbditos. *Estes planos têm de ser concebi-*

² «A teoria de que as ideias não são inatas, mas sim que se vão adquirindo por uma reflexão do espírito sobre as experiências sensoriais do ambiente externo, não é uma teoria nova da época de Owen. Mas apesar dos pontos fundamentais das doutrinas de Locke já estarem mais que divulgadas na viragem do século XVIII para o século XIX, Owen utiliza-as no sentido de mostrar que todos os homens nascem iguais, o que já tinha sido defendido por Rousseau... e que se as circunstâncias exteriores que rodeiam o homem e que o irão determinar como ser racional forem boas, o seu carácter será bom, o que já fora defendido por Godwin, na sua obra *Political Justice...*» (Faria, 1976: 22).

dos de modo a adestrar as crianças a partir da mais tenra idade em toda a espécie de bons hábitos (que é claro, as impedirão de adquirir hábitos de falsidade e mentira). Depois, terão que ser educadas racionalmente e o seu trabalho terá de ser dirigido no sentido da utilidade. Tais hábitos e educação permitir-lhe-ão um intenso e activo desejo de promover a felicidade de cada indivíduo e isso sem sombra de excepção quanto a seitas, ou partidos, ou países, ou climas. Assegurarão também, com o menor número possível de excepções, saúde, força e vigor físico; porque a felicidade do homem só pode ser construída sobre as bases da saúde do corpo e paz de espírito.

O saber que assim se inicia, tornará claro à inteligência que a maior parte da miséria que rodeia o homem *pode* ser facilmente dissipada e afastada; e que, com precisão matemática, o homem *pode* ser rodeado por essas circunstâncias, que terão gradualmente que aumentar a sua felicidade³.

3. Sobre a aplicação dos princípios na prática

«Alguns dos benefícios mais importantes que derivarão da aplicação práticas destes princípios são que eles irão criar as raízes mais convincentes para induzir cada homem «a caridade para com *todos os homens*».

Nenhum sentimento inferior a isto pode na verdade ter lugar em qualquer espírito ensinado a compreender claramente que as crianças, em todas as partes do mundo, têm sido, são, e serão sempre impregnadas por hábitos e sentimentos semelhantes aos dos seus pais e instrutores; modificados, no entanto, pelas circunstâncias nas quais têm sido, são e podem ser colocadas, e pela compleição peculiar de cada indivíduo. No entanto, nenhuma destas causas do carácter está ao alcance, ou de algum modo sob o controlo de crianças que (sejam quais forem os absurdos que em contrário nos tenham ensinado) não

³ De acordo com Faria (1976: 21), «todo o texto é uma afirmação da crença inabalável que o autor possuía, na altura que o compôs, relativamente ao homem e à sociedade – crença de que o homem, como ser racional, seria capaz de resolver todas as injustiças existentes no mundo, e de que, através da razão e do bom senso, a sociedade se encaminharia inevitavelmente para o bem estar e felicidade colectivos. Todo o texto é uma reformulação da doutrina racionalista do século XVIII, mas trazendo como factor de inovação o facto de as premissas mencionadas e desenvolvidas estarem confirmadas por uma prática recente, uma prática que aceitava como imprescindíveis as aquisições da civilização industrial».

podem de maneira nenhuma ser responsabilizadas pelos sentimentos e maneiras que lhes possam ser dadas. Eis aqui o erro fundamental da sociedade, e daqui têm procedido e procedem a maioria das misérias da humanidade.

As crianças, são, sem excepção, conjuntos passivos e maravilhosamente elaborados que, através duma intensa atenção, prévia e subsequente, *fundamentada num conhecimento correcto*, podem ser formadas colectivamente em ordem a terem qualquer carácter humano. E embora estes conjuntos tenham, como todas as outras obras da natureza, infinitas variedades, no entanto eles participam da mesma qualidade de maleabilidade que, graças a uma sábia e perseverante condução, podem finalmente ser moldados na verdadeira imagem de desejos racionais. Depois, estes princípios não podem deixar de criar sentimentos que, sem recurso à força ou produção de algum motivo contra-actuante, irão inevitavelmente levar aqueles que os possuem à compreensão para com as diferenças de sentimentos e maneiras, não só entre os seus amigos e compatriotas, mas também entre os habitantes de cada região da terra, incluindo até os seus inimigos.

A criança que foi desde a infância racionalmente instruída neste princípios, descobrirá e traçará prontamente as origens *de onde* nasceram as opiniões e hábitos dos seus companheiros e *porque* é que eles os possuem. Com a mesma idade ela terá adquirido suficientes razões para se lhe impôr que é irracional zangar-se com um indivíduo por ele possuir características que não teve meios para impedir, por ser passivo enquanto elas se formavam. Tais serão as impressões que estes princípios exercerão sobre o espírito de qualquer criança assim ensinada. À luz destes princípios não ficará claro, e acima de qualquer dúvida, que nem sequer as actuais ideias irracionais ou as práticas que em todo o mundo prevalecem devem ser tidas como falta ou erro culpável da presente geração? A sua causa imediata foi a ignorância parcial dos nossos antepassados que, embora tivessem adquirido um conhecimento vago e desconexo dos princípios sobre os quais o carácter se forma, não conseguiram descobrir os elos de ligação entre esses princípios e, conseqüentemente, não souberam aplicá-los na prática. Eles ensinaram aos filhos o que tinham adquirido; e, agindo assim, fizeram como os seus antepassados, que mantinham os costumes estabelecidos das gerações anteriores, até que outros melhores fossem descobertos e lhes fossem tornados evidentes.

Os factos que se foram gradualmente acumulando mediante a intervenção da imprensa, mostram agora os erros dos sistemas dos nossos antepassados, tão claramente que, quando apontados, eles têm que se tornar evidentes a todas as classes da comunidade e tornarão absolutamente necessário que novas medidas legislativas sejam imediatamente adoptadas, para impedir a confusão que surgirá mesmo no ser mais ignorante, medidas essas capazes de detectar o absurdo e a flagrante injustiça de muitas daquelas leis pelas quais eles serão agora governados.

Durante quanto tempo mais iremos nós continuar a permitir que gerações após gerações sejam ensinadas no crime desde a sua infância e, uma vez assim ensinadas, as persigamos como animais selvagens, até se encontrarem enredadas sem remédio nos laços e malhas da lei, quando, se as circunstâncias desses pobres que sofrem e dos quais ninguém se compadece, fossem trocadas com as daqueles que estão até rodeados como a pompa e a dignidade da justiça, estariam estes no banco dos réus, e aqueles nas cadeiras dos juizes?

Se os actuais juizes destes reinos tivessem nascido e sido educados entre os pobres e viciados de St. Giles ou noutra situação semelhante, não é certo que, tanto quanto eles possuem energias e capacidades congénitas, graças a elas eles estariam à cabeça da profissão que *então* teriam e, como consequência dessa superioridade e dessa competência, teriam já sofrido a prisão, deportamento e morte? Poderemos hesitar por um momento em concluir que se alguns daqueles homens, que as leis aplicadas pelos presentes juizes condenaram a sofrer penas capitais, tivessem nascido, sido treinados e rodeados pelas mesmas circunstâncias em que esses juzes nasceram, foram treinados e pelas quais foram rodeados alguns daqueles que assim sofreram teriam sido indivíduos idênticos aos outros, que atribuiriam as mesmas sentenças horríveis àqueles que são presentemente os nossos altamente estimados dignatários da lei?

4. «Uma realidade e um sucesso; uma excepção e um exemplo»⁴

«Os princípios podem confiadamente ser afirmados universais e aplicáveis a todos os tempos, pessoas e circunstâncias.

⁴ Faria, 1976: 63.

Estes princípios aplicados à comunidade de New Lanark, primeiro sob circunstâncias mais desencorajantes, mas persistentemente mantidos durante dezasseis anos, efectuaram uma mudança radical no carácter geral da aldeia que tinha mais de dois mil habitantes e em direcção à qual havia um constante afluxo de recém-chegados. (...) Podemos afirmar com verdade que eles constituem agora uma sociedade muito melhorada, que perderam os seus piores costumes e que os erros menores rapidamente desaparecerão com o prosseguimento da aplicação dos mesmos princípios. Podemos ainda afirmar que durante o referido período foi raramente aplicado um castigo legal, ou feito um dos pedidos aos fundos da paróquia por qualquer deles. Não se vê embriaguês nas ruas e as crianças são educadas e preparadas na instituição para a formação do seu carácter sem qualquer punição. A comunidade exhibe a aparência geral de actividade, temperança, conforto, saúde e felicidade. Estes são, e serão sempre, os efeitos seguros da adopção dos princípios explicados, e tais princípios, aplicados sensatamente, reformarão efectivamente a mais depravada comunidade existente e habilitarão a sua parte mais jovem a adquirir qualquer carácter que possa ser desejado; e isto também, muito mais facilmente em grande escala, do que em escala limitada⁵.

Que é então que impede um sistema assim de ser imediatamente adoptado a nível nacional?

Baseado na experiência de uma vida dedicada ao assunto, não hesito em dizer que os membros de qualquer comunidade podem gradualmente ser ensi-

⁵ «Com a crise iniciada em 1815, Owen, que até então se contentara em levar a cabo experiências nas suas próprias fábricas (...) decidiu avançar para a propagação dos seus princípios e realidades, num período de pós-guerra, de desesperante confusão, em que se processava a exploração intensa daqueles que conseguiram trabalho através do aumento de horas de trabalho e do decréscimo dos salários, em que milhões de potenciais trabalhadores não conseguiram arranjar emprego...». Uma das frentes onde intervém activamente é no processo de *regulamentação do trabalho nas fábricas*: «Só em 1815 é que o problema da situação das crianças nas fábricas é de novo apresentado à opinião pública e levado às instâncias parlamentares, sendo desta vez porta-voz das injustiças do tratamento infantil Robert Owen. (...) O projecto de Owen propunha a proibição de emprego a crianças com menos de 10 anos de idade e limitava o horário de trabalho infantil a 10 horas por dia». «O depoimento de Robert Owen, condena em absoluto a exploração do trabalho infantil, considerando revoltantes as horas de trabalho a que as crianças eram normalmente submetidas e considerando ainda excessivas as horas que trabalham em New Lanark, embora o seu número fosse inferior ao das outras fábricas» (Paria, 1976: 32-34).

nados a viver *sem ociosidade, sem pobreza, sem crime, nem castigo*; porque qualquer destas coisas é efeito de um erro nos vários sistemas prevalectentes no mundo. *Todas são a consequência necessária da ignorância.*

O plano nacional para a formação do carácter deveria incluir todos os melhoramentos modernos da educação, sem consideração pelo sistema de qualquer indivíduo; e não deveria excluir o filho de nenhum súbdito do Império. Qualquer coisa menos que isto seria um acto de intolerância e injustiça em relação aos excluídos e um insulto tão manifesto e tão óbvio à sociedade, que terci uma desilusão acerca do carácter dos meus compatriotas, se qualquer daqueles que têm influência na igreja ou no estado agora o quisesse tentar».